

APONTAMENTOS ACERCA DAS CONCEPÇÕES PARA A EDUCAÇÃO EM MARX E GRAMSCI¹

NOTES ON CONCEPTIONS OF EDUCATION IN MARX AND GRAMSCI

Mauro Sérgio Santos da Silva²

RESUMO

O presente trabalho, mediante revisão de literatura, expõe eixos basilares do pensamento educacional de Marx e Gramsci e demonstra que, embora Marx não tenha destinado uma obra exclusivamente à educação, esta temática está, no corpus marxista, articulada a outros categóricos centrais, tais como a divisão do trabalho e a História. Também compreende que as ideias educacionais deste autor apontam, concomitantemente, para a crítica e a transformação das instituições educacionais de seu tempo, sendo colocadas em duas perspectivas diferentes: curto e médio prazo (propostas específicas consentâneas com eventos históricos concretos) e a longo prazo (o processo educacional relacionado com os princípios do comunismo). Para mais, evidencia o fato de que, em Gramsci, a educação é categoria central, posto que: I- os escritos de Gramsci possuem um caráter educativo; II- na educação, estão organicamente articuladas teoria e prática, cultura e política; III- a escolarização é processo de formação das massas. Nesta sorte, o trabalho expõe a ideia gramsciana de escola unitária, básica, comum, ancorada desinteressadamente na ideia de trabalho como princípio educativo.

Palavras-chave: Educação, Escola Unitária, Marx, Gramsci.

ABSTRACT

This paper, through a literature review, elucidates foundational aspects of the educational thought of Marx and Gramsci. It demonstrates that, although Marx did not produce a work exclusively dedicated to education, this theme is intricately connected within the Marxist corpus to other central categories, such as the division of labor and history. The paper also contends that Marx's educational ideas simultaneously advocate for the critique and transformation of the educational institutions of his time, approached from two different perspectives: short and medium-term (specific proposals aligned with concrete historical events) and long-term (the educational process related to the principles of communism). Furthermore, it underscores that in Gramsci's thought, education occupies a central role, as: I) Gramsci's writings possess an inherently educational character; II) in education, theory and practice, culture and politics are organically interconnected; and III) schooling functions as a process of mass formation. In this context, the paper explores Gramsci's concept of a unified, basic, and common school, which is selflessly rooted in the idea of labor as an educational principle.

¹ Trabalho realizado a partir de pesquisa desenvolvida em Estágio Pós-doutoral, pela Universidade de Brasília, sob a supervisão do Prof. Dr. Herivelto Pereira de Souza (Universidade de Brasília - UNB).

² Doutor em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia – UFU, com Pós-doutorado em Filosofia pela Universidade de Brasília – UNB. Mestre em Filosofia Ética e Política pela UFU. Professor em cursos de formação continuada para educadores. e-mail: profmauro.filos@gmail.com.

Keywords: Education, Unified School, Marx, Gramsci.

INTRODUÇÃO

Marx e Engels não destinaram uma obra específica e sistematizada acerca do tema “educação”. Suas ideias educacionais, ao contrário, perpassam toda a sua obra, da juventude à maturidade. Conforme Nogueira:

[...] Em verdade, nem Marx nem Engels, pelo fato de não terem produzido um estudo mais analítico abordando especificamente a problemática da educação em seu todo, se referiram à questão, a não ser através de idéias esparsas, espalhadas ao longo de toda sua obra, sem a intenção de organizá-las de modo a constituírem um conjunto coerente e ordenado, em resumo, uma teoria (Nogueira, 1990, p. 51)

Não apresentam uma proposta fechada de sistema educacional ou um programa notadamente pedagógico. Com efeito, isso não significa que suas ideias educacionais devam ser vilipendiadas ou prescindam de profundidade e rigor.

Conforme Lombardi, ao discorrer acerca da educação, assim como no tocante a outras temáticas, Marx e Engels não negligenciam as circunstâncias históricas e a relação com as outras categorias políticas, econômicas e filosóficas (Marx & Engels, 2011, p. 06). Ao contrário, devem estar inseridas neste debate “a índole e as condições para a configuração de um horizonte histórico no qual as relações de dominação tenham desaparecido” (Marx & Engels, 2011, p. 06). Nesta sorte, as reflexões de Marx e Engels acerca da educação não podem ser lidas como um receituário de soluções para celemas contemporâneas.

No contexto do século XIX, tanto anarquistas quanto socialistas utópicos, dedicaram especial atenção à temática educacional e creditaram à educação e ao ensino, participação no processo de transformação. Marx e Engels, como pensadores inseridos nessa conjuntura, ainda que com ressalvas, não escapam a essa atmosfera. E a emersão de tais questões no pensamento

marxista decorre articulada a pautas de debates levantadas por esses autores amiúde confluentes com outras categorias (Marx & Engels, 2011, p. 08).

A divisão do trabalho e seus respectivos efeitos, por exemplo – exigência histórica do trabalho manufatureiro ou industrial –, configuram-se no eixo sobre o qual se articulam as reflexões marxistas atinentes à educação e ao ensino (Marx & Engels, 2011, p. 09). No trabalho industrializado, a máquina incorpora conhecimentos e habilidades outrora pertencentes ao trabalhador. Na indústria, o conhecimento e a ciência passam a pertencer e a estar a serviço do capital (Marx & Engels, 2011, p. 09).

Disso derivam 2 (duas) consequências: I- a apropriação dos meios de produção, do conhecimento e da ciência é fator que favorece e/ou permite a exploração; II- a limitação do conhecimento impede o desenvolvimento das faculdades criadoras dos homens. Destarte, a apropriação do conhecimento por parte do capital, converte-se em empecilho à emancipação social e à emancipação humana (Marx & Engels, 2011, p. 10).

Os postulados de Marx e Engels partem da compreensão de que a superação do capitalismo se dá a partir do próprio capitalismo, no bojo de suas contradições. Assim, as idéias educacionais destes autores apontam, concomitantemente, para a **crítica e a transformação** das instituições educacionais de seu tempo. É neste contexto que se inserem as reivindicações de gratuidade e obrigatoriedade do ensino, a delimitação do trabalho infantil, adolescente e feminino, por exemplo. A perspectiva que se coloca, portanto, não é outra senão a da **classe operária** (Marx & Engels, 2011, p. 11-12). Neste sentido,

[...] a relação entre a divisão do trabalho e a educação e o ensino não é uma mera proximidade, nem tampouco uma simples consequência; é uma articulação profunda que explica com toda clareza os processos educativos e manifesta os pontos em que é necessário pressionar para conseguir sua transformação, conseguindo não só a emancipação social, mas também, e de forma muito especial, a emancipação humana (Marx & Engels, 2011, p. 16).

Em face do exposto, compreende-se que as proposições relativas à educação de Marx e Engels são colocadas em duas perspectivas diferentes: curto e médio prazo (propostas

específicas consentâneas com eventos históricos concretos) e a longo prazo (o processo educacional relacionado com os princípios do comunismo) (Marx & Engels, 2011, p. 16).

Na esteira de Marx e Engels, Antônio Gramsci oferece uma outra perspectiva acerca da educação e da escola e, por conseguinte, apresenta um conjunto de ideias mais sistematizadas e detalhadas acerca dessas questões. Porquanto, é mormente, em relação a seu cabedal teórico atinentes à educação que se dedicam as linhas que se seguem.

1. EDUCAÇÃO EM GRAMSCI

Antônio Gramsci (1891-1937), pensador italiano nascido na Sardenha. Filho de camponeses pobres, ainda jovem, atua como colaborador de jornais italianos. Filia-se ao Partido Socialista com o qual rompe para tornar-se co-fundador do Partido Comunista Italiano. Atuando como deputado, por sua voraz oposição ao regime fascista de Mussolini, é condenado à prisão. Em relação a este aspecto, escreve Atílio Monasta:

[...] Entre os intelectuais italianos que marcaram a história da Europa, numerosos são os que passaram anos de sua vida e escreveram o melhor de sua obra na prisão ou no exílio. Quanto mais seu pensamento e suas atividades contribuíam para o desenvolvimento cultural e para a educação do povo, maiores foram a repressão de sua voz e a deformação de sua mensagem. (Monasta, 2010, p. 11)

Os escritos produzidos nesta época caracterizam uma produção intelectual e política de valor inestimável. Atento aos acontecimentos históricos, coerente em relação a sua concepção de homem e de mundo, as ideias de Gramsci não se dissociam de sua trajetória histórica (FIORI, 1979).

Gramsci parte das condições históricas nacionais, sem, no entanto, vilipendiar a conjuntura internacional. Após a Primeira Guerra Mundial, o mundo passava por uma crise de hegemonia. A Itália vivenciava o avanço do fascismo no início da década de 1920, marcado pela supressão de direitos políticos, forte repressão, censura e prisão dos intelectuais de esquerda. Na Europa, destacam-se as derrotas dos movimentos socialistas revolucionários. E,

em âmbito global, como propõe Gramsci em *Americanismo e Fordismo* (1988), há o estabelecimento de um novo modo de produzir e de viver que promove a continuidade do capitalismo e da hegemonia da classe proprietária.

De acordo com Anderson (1989), Gramsci está situado no momento de transição entre a primeira geração dos pensadores ligados a Marx e o que denomina *marxismo ocidental*. É neste contexto que se inserem suas idéias com vistas a construir uma estratégia revolucionária e, precipuamente, para este estudo, suas concepções com respeito à educação.

Segundo Nosella & Azevedo (2012), no Brasil, os textos de Gramsci chegaram em 1966 com o livro *Concepção Dialética da História*, traduzido por Carlos Nelson Coutinho. Em seguida, foram publicados, em 1968, *Literatura e vida nacional*, uma reunião de textos igualmente traduzidos por Coutinho; Maquiavel, a política e o Estado moderno, traduzido por Gazzaneo; até que em 1987, Spínola seleciona e traduz parte dos *Cartas do Cárcere*. De acordo com Monasta, para Gramsci,

[...] A educação é um campo no qual a teoria e a prática, a cultura e a política, inevitavelmente, se confundem; em que a pesquisa e a descoberta teórica se misturam com a ação social e política. Frequentemente, se faz uma distinção, quando não uma oposição, entre esses dois aspectos da educação (Monasta, 2010, p. 12)

A educação e a escola sob a ótica gramsciana merecem atenção, especialmente, por dois motivos. Primeiramente, porque o processo de escolarização, para Gramsci, é um meio de formação "massiva" de quadros dirigentes e de cidadãos em geral. Em segundo lugar, porque "Gramsci acreditava que o mundo pode ser transformado e a educação, ao lado da cultura, podem ser, concomitantemente, causa e efeito dessa mudança, enquanto espaço de formação, informação, reflexão e construção do consenso na sociedade" (Nosella & Azevedo, 2012, p. 25-26).

Soma-se a estas duas perspectivas, outro aspecto que é depreendido não apenas do conteúdo de seus textos educacionais, mas principalmente do "pressuposto de que o núcleo essencial da mensagem de Gramsci e a finalidade última de seus escritos são 'educativos', no sentido amplo e profundo do termo" (Monasta, 2010, p. 13).

Em Gramsci, a cultura está organicamente relacionada ao poder dominante. Nesta feita, os intelectuais são identificados sobremaneira pelo papel de liderança técnica e política que exercem (Monasta, 2010, p. 20).

Cada grupo social, no bojo do mundo da produção econômica, cria camadas de intelectuais orgânicos. Por exemplo: I- o empresário capitalista (técnico industrial, especialista em economia política, o organizador de uma nova cultura e de um novo sistema jurídico); II- intelectual tradicional (eclesiásticos, eruditos, cientistas, teóricos, filósofos, etc.).

Todavia, Gramsci persegue um modelo de intelectual que esteja inserido e seja a própria expressão da união orgânica entre teoria e prática, haja vista que, “a crítica à distinção entre o ‘trabalho manual’ e o ‘trabalho intelectual’ é um dos elementos mais importantes para a elaboração de uma nova teoria da educação” (Monasta, 2010, p. 21).

Nos *Escritos Políticos* (1916-1920) Gramsci demonstra que

[...] a educação socialista não visa a formar nem eruditos que amontoam em suas cabeças e em suas falas dados desconexos e ao acaso, nem meros operadores técnicos úteis para as necessidades imediatas do mercado, mas homens cultos, historicamente determinados, que compreendem o mundo do trabalho e seus processos produtivos (Monasta, 2010, p. 49).

Entre os escritos do cárcere, especialmente os Cadernos 11 e 12, arrazoa sobre a educação como “processo de elevação do senso comum popular para a filosofia da práxis”. Por conseguinte, propõe uma escola unitária, básica, comum, ancorada desinteressadamente na ideia de trabalho como princípio educativo (Monasta, 2010, p. 49).

1.1. Escritos Políticos

Nos escritos políticos, Gramsci alvitra para a necessidade de uma concepção de educação e de escola que superem o saber enciclopedista e a visão do homem como mero recipiente de um amontoado de dados empíricos e fatos desconexos, como no modelo educacional humanista. Compreende que tal projeto educacional é especialmente prejudicial

aos trabalhadores, posto que cria uma pseudointelectualidade, ou antes, um “intelectualismo flácido e incolor”, presunçoso e desatinado” (Gramsci, 1976, 82).

Afirma, pois, o filósofo, ser necessário abandonar a ideia de cultura como

[...] saber enciclopédico, no qual o homem visto sob a forma de recipiente para encher e amontoar com dados empíricos, com factos ao acaso e desconexos, que ele depois devera arrumar no cérebro como nas colunas de um dicionário para poder então, em qualquer altura, responder aos vários estímulos do mundo externo (Gramsci, 1976, p. 82).

Conquanto, conclui: o acúmulo de informação é erudição desprovida de significado, “bagagem intelectual” ou mesmo “pedanteria”. E isso, definitivamente, no escopo da filosofia gramsciana é outra coisa, não cultura.

Para o pensador italiano, cultura é, antes de tudo, crítica. Sua finalidade não é outra senão a própria consciência do eu; processo que possibilita aos sujeitos julgar os fatos para além de si mesmos e, em última instância, que sejam “donos de si próprios” (Gramsci, 1976, 83). E isso não é um fenômeno dado, espontâneo, natural. Trata-se, antes, de um processo efetivamente histórico.

1.2. A escola do trabalho

No texto “A escola do trabalho” Gramsci parte da constatação, na Itália do pós-guerra, de uma escola dual que dista: a massa de alunos das artes liberais e a dos alunos da arte da produção do trabalho. Há uma escola média para a burguesia organizada a partir do modelo humanista. E outra, destinada aos trabalhadores, com vistas à formação de mão-de-obra.

Nota que a primeira recebe mais atenção e investimento que a segunda. Esta divisão, para Gramsci, seria fruto de uma *latina cegueira estatal da burguesia* que não se mobiliza com a finalidade de oferecer aos trabalhadores, ou seja, à “enorme massa de cidadão”, o sistema nervoso e a força vital da nação, a possibilidade do aperfeiçoamento, da elevação e da cultura profissional. Nesse contexto, a escola do trabalho é sacrificada em nome da escola do emprego

na medida em que a escola técnica, destinada ao proletariado converte-se em mera fábrica de empregos. Destarte, estabelece: “A Itália carece da escola do trabalho” (Monasta, 2010, p. 56).

Contudo, esta não virá naturalmente ou decorrerá de uma dádiva da burguesia. Ao contrário, é “o proletariado que deve impor a escola do trabalho”. Nesta direção, para Gramsci, a luta do proletariado por uma escola do trabalho compreende forçar:

[...] o Estado a expurgar do organismo nacional muitas universidades, bubões purulentos que produzem charlatões e desajustados, muitos ginásios e colégios que custam o olho da cara e não dão nem cultura e nem dignidade, e que o obrigue a substituir essas velhas matrizes de administradores, que não sabem administrar, pelas escolas do trabalho, das quais sairá em enxames a nova geração dos produtores que deem ao país menos sonetos e romances e mais máquinas e chaminés (Monasta, 2010, p. 58).

Gramsci propõe que a fábrica transforme a escola, conferindo-lhe força e vitalidade. Por meio de uma relação imbricada entre escola e trabalho e, em última instância, entre trabalho, educação e cultura possibilitar-se-ia à juventude o abandono de um modo de vida “menos artificioso, mole e irresponsável” e a construção de uma geração transformada, renovada e “realisticamente succulenta” (Monasta, 2010, P. 58-59).

Portanto, as críticas de Gramsci são proferidas na direção, tanto de uma ideia de escola ou educação desinteressada quanto de uma escola ou educação especificamente orientada para o trabalho.

Para o pensador italiano, a escola não deve ser privilégio de poucos ao mesmo tempo em que não deve servir como uma “fábrica de desajustados”. Gramsci é enfático e lança mão de vocabulário firme para trazer à tona sua compreensão de que a escola, em seu modelo humanista, forma figuras ociosas, inúteis na medida em que não vincula educação e trabalho. O autor advoga em defesa do resgate da dignidade tanto da fábrica – e do reconhecimento de sua função indispensável – quanto da escola como espaço de formação integral e de articulação entre educação e trabalho. Neste sentido, oportunas são as exortações gramscianas que se seguem:

[...] Façam com que a escola seja realmente escola e que a fábrica não seja um cárcere e terão, então, uma geração apenas composta por homens úteis; úteis porque farão obra profícua nas artes liberais e porque darão à fábrica o que lhe falta: a dignidade, o reconhecimento de sua função indispensável, a equiparação do operário a qualquer outro profissional (Monasta, 2010, p. 60).

2. GRAMSCI E A ESCOLA UNITÁRIA

A obra de Gramsci incorpora categorias marxianas, considerando, em suas formulações, as bases materiais e históricas, o antagonismo da luta de classe, assim como o processo de construção da chamada consciência de classe e a transformação social (Nascimento & Sabardelotto, 2008, p. 275-276)

O interesse de Gramsci pelas temáticas da escola e da educação intensifica-se a partir da ampliação de seus estudos atinentes ao Estado e do rompimento em relação às idéias de Croce e Gentile. Doravante, Gramsci, recupera a leitura dialética de alguns postulados de Marx e passa a considerar a escola pública como mecanismo de construção da consciência de classe, coadunada ao trabalho como princípio educativo (Nascimento & Sabardelotto, 2008, p. 275-276).

Nas palavras de Mochcovitch,

[...] a perspectiva de Gramsci é sempre a de elaborar conceitos que ajudem a classe operária e seus intelectuais (seu partido) a firmar a ‘hegemonia’ do proletariado sobre o conjunto das classes subalternas e a disputar a direção intelectual e moral do conjunto da sociedade, visando à tomada do poder político e à alteração da situação de dominação. (Mochcovitch, 1990, p. 10-11).

Ao final do século XIX, intensifica-se na Europa o debate acerca do papel do Estado na promoção da educação pública, acompanhado da discussão relativa ao paradoxo entre uma formação humanística e científica destinada à burguesia e uma formação técnica e instrumental destinada aos trabalhadores. Como anteriormente assinalado, Gramsci lança críticas ao dualismo educacional da escola italiana. Diz o pensador: “a escola profissional destinava-se às

classes instrumentais, ao passo que a clássica se destinava à classe dominante e aos intelectuais” (Gramsci, 1991, p. 118).

Nesta direção, a discussão de Gramsci atinente à educação comporta intrínseca relação com a sua crítica ao ensino técnico italiano de aspecto pragmático, reservado aos trabalhadores (fato de que destinava e estes o trabalho assalariado, a submissão e a exploração pelo capital) e ao ensino humanista italiano, ofertado à burguesia (formando-os para o comando, a dominação e o governo) (Nascimento & Sabardelotto, 2008, p. 275-276).

Em Gramsci, encontramos a defesa de uma escola: comum, única e desinteressada. Ou, nas palavras do pensador sardo, uma

[...] escola única, inicial de cultura geral, humanista, formativa, que equilibre equanimemente o desenvolvimento da capacidade de trabalhar manualmente (tecnicamente, industrialmente) e o desenvolvimento das capacidades de trabalho intelectual (Gramsci, 2001, p. 118).

O termo “comum”, por exemplo, não significa simplicidade, mas destinada a todos, comum a todos. Afirma o filósofo:

[...] Na escola atual, em função da crise profunda da tradição cultural e da concepção da vida e do homem, verifica-se um processo de progressiva degenerescência: as escolas de tipo profissional, isto é, preocupadas em satisfazer interesses práticos imediatos, predominam sobre a escola formativa, imediatamente desinteressada. O aspecto mais paradoxal reside em que este novo tipo de escola aparece e é louvado como democrático, quando na realidade, não só é destinado a perpetuar as diferenças sociais, como ainda a cristalizá-las em formas chinesas. (Gramsci, 2001, p. 49)

A expressão “única”, por sua vez, relaciona-se com a defesa de uma escola que prepara de forma equânime os sujeitos e lhes proporcione as mesmas oportunidades, posto que:

[...] Se se quer destruir esta trama, portanto, deve-se não multiplicar e hierarquizar os tipos de escola profissional, mas criar um tipo único de escola preparatória (primária média) que conduza o jovem até os umbrais da escolha profissional, formando-o, durante este meio tempo, como pessoa capaz de

pensar, de estudar, de dirigir ou de controlar quem dirige (Gramsci, 2001, p. 49).

Por fim, a escola, para Gramsci, deve ser imediatamente desinteressada, ou seja, não deve estar vinculada a um objetivo instrumental imediato. Isto é, “não deve ter finalidades práticas imediatas ou muito imediatas, deve ser formativo ainda que instrutivo” (Gramsci, 2001, p. 49).

A escola unitária gramsciana corresponde, aproximadamente, ao ensino fundamental e médio, “escolas primárias e médias”, o primeiro grau e os liceus. Deveria ser organizada “como colégio, com vida coletiva diurna e noturna” (Gramsci, 2001, p. 123).

Deve estar fundamentada na ideia de emancipação humana e na conquista de maturidade intelectual. Livre de uma “orientação dogmática” (Gramsci, 2001, p. 122) e das “formas de disciplina hipócrita e mecânica” (Gramsci, 2001, p. 125). Ao termo do período destinado à escola unitária, por volta dos 16 anos, os alunos teriam conquistado disciplina intelectual e autonomia moral.

Em sua primeira fase, o primeiro grau elementar, os alunos seriam instruídos nas chamadas primeiras noções (leitura, escrita, operações matemáticas, geografia e história), na ideia de direitos e deveres.

Em sua última fase, o estudo e o aprendizado da escola unitária gramsciana deveriam estar amparados em métodos criativos coadunado com a ciência e com a vida, articulada com a emancipação da classe trabalhadora. Para Gramsci, estas são as características de uma escola criadora que, antes de tudo corresponde a

[...] uma fase e um método de investigação e de conhecimento, e não um “programa” predeterminado que obrigue à inovação e à originalidade a todo custo. Indica que a aprendizagem ocorre notadamente graças a um esforço espontâneo e autônomo do discente, e no qual o professor exerce apenas uma função de guia amigável, como ocorre ou deveria ocorrer na universidade. Descobrir por si mesmo uma verdade, sem sugestões e ajudas exteriores, é criação (mesmo que a verdade seja velha) e demonstra a posse do método; indica que, de qualquer modo, entrou-se na fase da maturidade intelectual na qual se pode descobrir verdades novas (Gramsci, 1991, p. 124-125).

Destarte, tal escolar poderia: proporcionar o desenvolvimento e a maturidade intelectual e moral aos jovens, possibilitando-os condições de criação social, cultural e intelectual, inserindo-os na prática social.

Com efeito, para que a escola unitária não reproduza as já existentes escolas profissionalizante, deve estar aportada a dois aspectos extremamente importantes: uma interpretação da cultura própria à classe trabalhadora e o trabalho como princípio educativo. Assim, a educação unitária articula-se sobremaneira ao papel dos sindicatos, do partido e, mormente, dos conselhos de fábrica com vistas à autonomia intelectual dos proletários em relação aos intelectuais burgueses (Nascimento & Sabardelotto, 2008, p. 286).

Para Roio, os Conselhos de Fábrica devem constituir a

[...] base e o fundamento do Estado operário e socialista, das suas instituições sociais. Assim, a escola no Estado de transição deve ser uma escola do trabalho que se emancipa, uma escola que constrói e organiza o trabalho livre associado. Nessa escola, a ação laboriosa e disciplinada articula-se ao conhecimento da técnica, da ciência e da vasta cultura humanista. O método e o princípio pedagógico fundamentam-se no processo produtivo fabril, coletivo e solidário. (ROIO, 2006, p. 315).

3. EDUCAÇÃO E HEGEMONIA EM GRAMSCI

Segundo Melo e Rodrigues (2016), toda ação transformadora, para Gramsci, passa necessariamente pela formação de intelectuais orgânicos das classes populares, comprometidos politicamente com um projeto revolucionário de derrubada da ordem social com vistas a uma nova sociedade.

Gramsci (1982) defende uma educação socialmente igualitária, propõe uma educação unitária, isto é, oferecida pelo Estado, referenciada pela cultura, pelo conhecimento científico e pelo princípio da auto-gestão.

Os escritos de Gramsci acerca da educação não se encontram reunidos sistematicamente. Ao contrário, perpassam toda a sua vasta obra.

A educação, sob a perspectiva de Gramsci (1982), ainda que determinada, em última instância, pelas condições materiais da sociedade, através das quais, os “homens” organizam a

produção e, concomitantemente, se reproduzem, transformando a sociedade e, a si mesmos, é parte integrante da cultura. E é através desta que os intelectuais organizam, por assim dizer, a rede de crenças e as relações sociais, ou seja, a hegemonia, e, destarte, exercem uma direção moral e intelectual na sociedade (Melo & Rodrigues, 2016, p. 07). Em outras palavras, a educação, assim como a cultura, a linguagem e a ciência não são apenas instrumentos, mas processos sociais condicionados por ações humanas.

A concepção gramsciana de educação guarda intrínseca relação com a dimensão cultural e está inserida em uma concepção ampla da existência. A filosofia da práxis é uma filosofia ética, política e prática (Melo & Rodrigues, 2016, p. 07).

Gramsci (1982) critica a educação tradicional humanista, voltada às classes dominantes e uma educação de ofício direcionada às chamadas classes subalternas. Com efeito, sua concepção de educação também não está coadunada com os propósitos e princípios da Escola Nova, por sua “exacerbação do indivíduo tecnicista instrumentalista das atividades parceladas e repetitivas do Capitalismo” (Melo & Rodrigues, 2016, p. 08).

Em contrapartida a estas duas concepções educacionais, Gramsci propõe uma Escola Unitária: formativa, humanizante e que tome o trabalho com princípio científico e educativo. Uma educação unitária, sem privilégios de classe, alicerçada na relação entre a escola e o meio histórico-cultural da sociedade.

Nesta feita, a educação, para Gramsci (1982), não se restringe à escola formal. Abrange, outrossim, os ambientes e experiência não-escolares e todas as dimensões da cultura. Em Gramsci (1982), encontramos uma educação que parte da realidade viva do trabalhador, por meio de uma educação socialista com vistas à liberdade efetiva e concreta dos sujeitos, historicamente determinada e universal (Melo & Rodrigues, 2016, p. 08)

Na perspectiva educacional gramsciana, o educando, sujeito do processo educacional, na relação com os demais sujeitos envolvidos na ação educativa e com as experiências concretas da cultura, faz-se a si mesmo (Melo & Rodrigues, 2016, p. 08).

A educação, em Gramsci relaciona-se com a cultura, com a história, a sociedade e a política. É concebida a partir de uma cultura pedagógica integral.

REFERÊNCIAS

CASTRO, M.C; RIOS, V.L. **Escola e Educação em Gramsci**. Revista de Iniciação Científica da FFC. V 7, n3, p.221-228, 2017.

FREIRE, P. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Centauro, 2001.

GRAMSCI, A. **Escritos Políticos volume 1**. Lisboa: Seara Nova, 1976.

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere. Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo**. Volume 2, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GRAMSCI, A. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 8ª edição. Rio de Janeiro-RJ: Civilização Brasileira, 1991.

MANACORDA, M. A. **Marx e a pedagogia Moderna**. Trad. Newton Ramos de Oliveira, São Paulo, Cortez, 1996.

MELO, M. L; RODRIGUES, D. S. **Gramsci e a Educação. Jornada Regional De Estudos E Pesquisas Em Antonio Gramsci: Práxis, Formação Humana e a Luta por uma Nova Hegemonia**. Fortaleza: Faculdade de Educação, 2016.

267

MOCHCOVITCH, Luna Galano. **Gramsci e a escola**. SP, Ed. Ática, 1990. 80 p.

MONASTA, A. **Antônio Gramsci**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010 (Coleção Educadores).

NOGUEIRA, M. A. **Educação, saber, produção em Marx e Engels**. São Paulo: Cortez, 1990, p.51.

NOSELLA, P.; AZEVEDO, M. L. N. **A educação em Gramsci**. *Rev. Teoria e Prática da Educação*, v. 15, n. 2, p. 25-33, maio./ago. 2012

ROIO, M. D. **Gramsci e a educação do educador**. Caderno Cedes, Campinas, vol. 26, n.º 70, p. 311-328, set./dez. 2006. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 02 de abril de 2007.

Submetido: 15/03/2024

Aprovado: 29/05/2024